

A simbologia numérica nos *Commentarii exegetici in Apocalypsim* do Padre Brás Viegas, S. J.

1 – O Padre Brás Viegas, exegeta jesuíta do Séc. XVI

Completaram-se quatrocentos anos sobre a morte do P^c Brás Viegas, ocorrida a 22 de Agosto de 1599, sem que a comunidade científica em geral e a Companhia de Jesus, em particular, tivessem prestado a homenagem merecida a um dos seus filhos mais ilustres¹.

Nascido na cidade de Évora em 1553, entrou para a Companhia de Jesus, com dezasseis anos, a 15 de Fevereiro de 1569; foi professor em Coimbra e na Universidade de Évora, onde alcançou o grau de doutor em 1594.

Tornou-se uma das figuras eminentes da Companhia de Jesus, em Portugal, no domínio das letras gregas e latinas, notabilizando-se como exegeta de primeiro plano, sobretudo, com a sua obra, *Commentarii Exegetici in Apocalypsim Joannis Apostoli*, cuja primeira edição de 1601 foi impressa em Évora, por Manuel de Lira, dois anos após a sua morte. Pouco tempo depois, multiplicaram-se as edições em 1602, 1606, 1614, 1617, que influenciaram outros comentários ao Apocalipse dos séculos XVII e XVIII de autores nacionais e estrangeiros².

Para a elaboração da sua obra, o P^c Brás Viegas serviu-se dos comentários ao Apocalipse de numerosos autores que cita ao longo do seu trabalho: Beato Amadeu, Apringio, Ambrósio, Agostinho, André de Cesareia, Arethas, Ausberto, Beda, Fulgêncio, Gregório, Isidoro, Ireneu, Haymo, Joaquim, Hugo, Ricardo, Lyra, Primasio, Panonio, Ruperto, Ribera, Ticonio, etc.³.

¹ Para os dados biográficos consultar: António FRANCO, *Ano santo da Companhia de Jesus em Portugal*, Porto, 1930; Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, tomo I, Coimbra, 1965; João Pereira GOMES, *Os professores de Filosofia da Universidade de Évora*, Évora, 1960.

² Entre os autores portugueses, cumpre-nos realçar, a obra do Carmelita, P^r João da Silveira, *Commentariorum in Apocalypsim B. Joannis Apostoli*, em dois tomos, publicada por Lourenço Anisson, na cidade de Lyon, em 1669, em que cita, sistematicamente, a obra do P^c Brás Viegas.

³ Registamos os títulos de alguns comentários mais utilizados, citados por Viegas: André de CESAREIA, *Commentarii in Ioannis Theologi Apocalypsim*: PG 106, 215-458; Aretas de

A obra consta de 816 páginas, incluindo um índice de citações da Sagrada Escritura, um precioso índice de matérias, uma introdução em que aborda a canonicidade do Apocalipse, problema da autoria, a importância e dificuldade da interpretação, argumento e divisão.

Seguidamente, inicia o seu trabalho de comentarista dos 22 capítulos do Apocalipse de S. João, mantendo em todos o mesmo esquema: texto latino dos capítulos, seguido dos comentários, divididos por secções.

Quanto à metodologia, o P^o Brás Viegas, antes de emitir o seu parecer na interpretação do texto sagrado, recolhe as opiniões dos diversos exegetas, que comentaram o Apocalipse, manifestando a sua concordância ou discordância, até alcançar a opinião mais comum.

Como se compreenderá, não pretendemos apresentar um comentário exegetico aos “*Commentarii*” do P^o Brás Viegas, porque não possuímos a formação de exegeta. Visamos, apenas e muito simplesmente, chamar a atenção para a importância da obra e realçar alguns aspectos no campo da simbologia numérica. Na nossa exposição, não seguiremos o ordenamento dos capítulos do texto do Apocalipse, nem dos “*Comentários*” do P^o Viegas, mas a ordem aritmética dos números, com a respectiva citação apocalíptica, que permitirá a sua localização, evitando, assim, as múltiplas citações do autor dos “*Comentarii*”, bem como dos exegetas em que se baseia. Para ilustrar e ajudar-nos a compreender melhor o carácter enigmático desta obra, intercalámos algumas xilografias de Albrecht Dürer, executadas e publicadas em 1498, editadas, posteriormente, em 1511 e 1515, que o P^o Brás Viegas conheceu com toda a certeza.

CESAREIA, *Iohannis Theologi uc Dilecti Apocalypsis*: PG 106, 499-786; Victorino de PETTAU, *Scholia in Apocalypsin Beati Ioannis*: PL 5, 317-344; BERENGÁRIO, *Expositio super septem visiones libri Apocalypseos*: PL 17, 481-1058; JERÓNIMO, *Apocalypsis*: PL 29, 893-914; AGOSTINHO, *Quaestiones in Apocalypsin*: PL 29, 2417; *Homiliae* 19: PL 35, 2417-52; BEDA, *Explanatio Apocalypsis*: PL 93, 129-206; ALCUINO, *Commentariorum in Ap. libri quinque*: PL 100, 1085-1156; Walfredo ESTRABÃO, *Glossa ordinaria*: PL 114, 709-752; LIEBANA, *In Apocalypsim libri duodecim*; Haymo de HALBERSTADT, *Expositio in Apocalypsim*: PL 117, 937-1220; S. Pedro DAMIÃO, *Collectanea ex Apocalypsi*: PL 145, 903-906; Bruno de ASTI, *Expositio in Apocalypsim*: PL 165, 605-736; Ruperto de DEUTZ, *Commentariorum libri duodecim in apocalypsim*: PL 169, 827-1214; Ricardo de S. VÍCTOR, *In Apocalypsim Ioannis libri septem*: PL 196, 683-888; TICONIO († 390), *Commentarius in Apocalypsim*: PL Suppl. I (1958) 621-652; PRIMÁSIO, *Commentarius in Apocalypsin*, PL 68; APRINGIO, *Tractatus in Apocalypsim*; S. Alberto MAGNO, *Enarrationes in Apocalypsim in Opera* vol. 38 (Paris 1899); Hugo de San CARO, *Postillae in universa Biblia* vol. 7 (Colónia 1620); Joaquim da FIORE, *Expositio in Apocalypsim* (Veneza 1527); Nicolau de LIRA, *Postillae perpetuae sive praevia Comm. In universa Biblia* (Roma 1471-1472); F. RIBERA, *In sacram beati Iohannis Apostoli et Evangelistae Apocalypsim Commentarii* (Salamanca 1591);

2 - Simbolismo numérico nos “Comentários” do P^e Brás Viegas

Característico de toda a literatura apocalíptica, o simbolismo dos números ocupa um lugar relevante no Apocalipse de S. João⁴. No simbolismo numérico, as quantidades, expressas em números, são de por si neutras, contudo, através do jogo artificial, adquirem, um valor qualitativo. Este artifício atingirá o ponto mais elevado com a aplicação da *Gematria*, isto é, uma ciência, cultivada por hebreus e gregos, que consistia em atribuir a cada letra do alfabeto um valor numérico, de maneira que o conjunto pudesse decifrar-se como um código cifrado. O exemplo mais explícito da aplicação da *Gematria* encontramos no número 666 (Ap. 13, 18)⁵.

Passemos à análise de algumas quantidades numéricas, 2, 3,5, 4, 7, 8, 10, 12, 24, 42, 666, 888, 1000, 120.000, 144.000, que surgem no texto do Apocalipse, interpretadas simbolicamente nos Comentários do P^e Brás Viegas.

2.1. Simbolismo do número 2

Um dos símbolos dualistas bíblicos mais conhecidos, através da visão de Ezequiel, 40, corresponde às duas colunas de bronze, colocadas diante do Templo de Salomão, que a maior parte dos exegetas interpretou como símbolo dos pregadores da Igreja. No Apocalipse, sobressaem dois grupos dualistas: duas oliveiras, dois castiçais e duas asas de águia.

2.1.1. Duas oliveiras e dois castiçais

Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Senhor da terra (Ap. 11, 4).

⁴ Muitos foram os autores que se dedicaram ao estudo da simbologia do livro do Apocalipse: CALMES, Th., *Les Symboles de l'Apocalypse*, in “*Révue Biblique*”, 12 (1903), pp. 52-68; ALETTI, J., *Essai sur la symbolique céleste de l'Apocalypse de Jean*, in “*Christus*”, 28 (1981) pp. 40-53; Destacamos dois trabalhos de Ugo VANNI, *Il simbolismo nell'Apocalisse*, in “*Gregorianum*”, 61 (1980), pp. 461-506; *Il Simbolismo dell'Apocalisse*, in “*L'Apocalisse. Ermeneutica, esegesi, teologia*”, Bologna, 1988, pp. 31-61. Não podemos deixar de realçar o interesse do estudo de Xabier PIKAZA, *Apocalipsis*, Navarra, 1999. Outra obra mais recuada, cuja indicação devo à gentileza do meu colega amigo, Dr. Manuel Joaquim da Rocha: Jacques ELLUL, *Apocalipse – Arquitectura em movimento*, S. Paulo, 1980.

⁵ Quando analisarmos o simbolismo do número 666, teremos ocasião de exemplificar como se utilizava a *Gematria*.

Viegas começa por levantar uma questão: por que motivo Henoch e Elias, dois Profetas, em vez dos sacerdotes Josué e Zorobabel do livro de Zacarias, são comparados a duas oliveiras e dois candelabros? A comparação com a *oliveira*, responde Viegas, deriva do facto de, na Sagrada Escritura, esta árvore ser considerada, por várias razões, símbolo de santidade: em primeiro lugar, pela sua resistência ao caruncho, sendo, por isso, reconhecida pelos antigos como símbolo da eternidade, tal como Henoch e Elias; em segundo lugar, pela sua fertilidade. A oliveira é fecundíssima (Rom.,11, 17); importa, também, realçar a sua perenidade, sinónimo de santidade. Assim como a oliveira nunca perde a sua folhagem, da mesma forma os santos brilharão pela beleza e excelência das suas boas obras⁶. A oliveira é, ainda, sinónimo de santidade por ser vulgarmente identificada como símbolo da paz, evidenciada na pomba da Arca de Noé, com o ramo de oliveira, que anunciou a paz ao Povo de Deus.

Os dois *candelabros*, mencionados no Apocalipse, são símbolos de Henoch e Elias porque evidenciaram a figura de Cristo como luz verdadeira e espelhos de santidade porque também os santos se apresentam como candelabros refulgentes de santidade e caridade.

2.1.2. Duas asas de grande águia

Mas à mulher foram dadas duas asas de grande águia, a fim de que voasse para o deserto (Ap., 12, 4).

Antes de interpretar o simbolismo dualista das *asas*, Viegas analisa alguns comportamentos da águia e conclui com as anotações simbólicas.

Na águia, descobrimos três fenómenos que importa considerar. Antes de mais, a provação dos filhos ao sol. Citando Santo Ambrósio, S. Jerónimo e Santo Agostinho, Viegas refere que a águia acolhe, como legítimos, os filhos que resistem aos raios do sol e elimina os que não suportam esta prova. Tal como a Igreja (Águia) examina os seus filhos aos raios do Sol de Cristo e afasta os que não apresentam sinais de autenticidade filial: os judeus e os adúlteros.

É, igualmente, do conhecimento geral que a águia coloca no seu ninho uma pedra, conhecida como *pedra de águia* – ametista –, a fim de que os filhos fiquem protegidos dos ataques das serpentes. Por isso, S. Jerónimo confirma, também, que a Igreja instala Cristo entre os seus filhos para não serem perturbados pelas forças demoníacas e heréticas.

⁶ Nesta interpretação de Viegas, como em outras situações similares, nota-se a influência da doutrina, emanada do Concílio de Trento, relacionada com o tema da Justificação, tão discutido pela Reforma numa posição divergente da defendida pela Reforma Católica.

Em terceiro lugar, Viegas refere-se ao fenómeno da *renovatio* que acompanha o ritual da renovação da plumagem da águia. Uma cena aplicada, com oportunidade, por Santo Ambrósio ao sacramento do Baptismo que renova o catecúmeno através do rito de imersão nas águas, seguido da *renovatio*, operada pela subida dos degraus do baptistério⁷.

Para o comentário simbólico do dualismo das asas da águia, o exegeta jesuíta recorre ao pensamento de Beda que interpreta as duas asas como reflexo do Antigo e do Novo Testamento. Primasio acrescenta aos dois Testamentos o duplo mandamento da caridade para com Deus e para com o próximo, bem como a visão dualista da vida activa e da vida contemplativa. Viegas refere-se, ainda, à opinião de Joaquim da Fiore, que estabelece uma relação com a sabedoria do alto e a caridade, admitindo, contudo, que o sentido mais usual das duas asas corresponderia à vida activa e à vida contemplativa.

2.2. Simbolismo do número 3,5

Mas, depois daqueles três dias e meio, o espírito de vida, vindo de Deus entrou neles (Ap. 11, 11).

Sendo o Apocalipse um livro pródigo em referências numéricas, transmitidas, habitualmente, em números inteiros, chama a atenção quando nos confrontamos com um número quebrado, três e meio, que suscita a curiosidade natural de descobrir o sentido e simbolismo.

A cifra de 3,5 (Ap. 11, 11) corresponde, aritmeticamente, a outros números referidos no mesmo livro: 42 (Ap. 13, 5), 1.260 (ap. 11, 3). É, igualmente, sinónimo da expressão “*um tempo, tempos e metade de um tempo*” (Ap. 12, 14). Uma fórmula que oferece uma certa dificuldade em se compreender o seu sentido.

Desta vez, o P^c Viegas segue a opinião de S. Jerónimo que, comentando um texto de Daniel, 12, 7, apresenta a seguinte interpretação: “*um tempo*” equivale a um ano; “*tempos*”, dois anos e, conseqüentemente, “*metade de um tempo*”, meio ano. Este será, segundo S. Jerónimo, o tempo que durará a perseguição do Anticristo, conforme se confirma no cap. 11 e cap. 13. Viegas limita-se a concluir com esta frase: foi assim que interpretou esta passagem S. Jerónimo ao glosar o texto de Daniel, 12, 7.

⁷ Uma interpretação que terá agradado particularmente ao P^c Viegas pela riqueza simbólica dos baptistérios primitivos que dispunham de duas portas e dois lanços de escadas. Uma, para descer com as costas viradas para Ocidente e outras para subir, depois do baptismo, voltadas para Oriente. o lugar onde nasce o Sol.

Mais à frente, comentando o capítulo 13 do Apocalipse, relacionado com a duração da tirania do Anticristo e à perseguição das igrejas, Viegas volta a insistir na precaridade e carácter passageiro deste tempo: *Modicum appellatur huiusmodi tempus quia erunt tres tantum anni cum dimidio, ut multis in locis Scripturae Sacrae praedicitur, velut Dan. 12.*

2.3. Simbolismo do número 4

O quaternário ocupa uma posição de grande relevância, no contexto apocalíptico, quer pela quantidade, quer pela variedade de referências simbólicas: *Quatro rios do paraíso*, 9, 14; 16, 12. *Quatro Evangelistas*, 4, 7. *Quatro ângulos da terra*, 7, 1-3; 9, 14-15; 20, 8. *Quatro animais viventes*, 4, 7. *Quatro ventos*, 7, 1. *Quatro cavalos e cavaleiros*, 6, 1-8. *Quatro ângulos dos muros da cidade*, 21, 16.

Das referências citadas, seleccionamos três dos exemplos quaternários mais significativos.

2.3.1. Quatro Animais

Diante do trono havia como que um mar de vidro, semelhante ao cristal; e no meio e em redor do trono, quatro viventes cheios de olhos por diante e por detrás. O primeiro era semelhante a um leão; o segundo, a um touro; o terceiro tinha um rosto como que de homem, e o quarto era semelhante a uma águia em pleno voo (Ap. 4, 6-8).

Viegas inicia o seu comentário aludindo à coincidência do texto apocalíptico com a visão de Ezequiel: *E ao centro distinguia-se a imagem de quatro seres vivos, todos com aspecto humano (1, 5).*

Mantendo-se fiel à metodologia adoptada em toda a sua obra, expõe, primeiramente, o panorama das diversas interpretações, que reproduzimos de forma sintética e conclui exprimindo a sua opção pessoal.

Na opinião de Lyra, os quatro viventes simbolizam as quatro sedes patriarcais:

Leão:	Jerusalém
Touro:	Antioquia
Homem:	Alexandria
Águia:	Constantinopla

Segundo o pensamento de Arethas de Cesareia e de Santo Ambrósio, os quatro animais personificam as quatro virtudes cardeais:

Leão:	Fortaleza
Touro:	Justiça
Águia:	Temperança
Homem:	Prudência

Por sua vez, Orígenes e S. Gregório Nazianzeno relacionam o Tetramorfo com as quatro afeições da alma:

Homem:	Razão
Leão:	Força Irascível
Touro:	Concupiscência
Águia:	Consciência

Na concepção de Galphri, os quatro animais representam todos os Prelados da igreja na medida em que devem assumir o comportamento de:

Leão:	na perseguição do vício
Touro:	na dedicação ao trabalho
Homem:	dotado de compaixão
Águia:	votada para a contemplação

Anastásio de Sinai, acompanhado por uma plêiade de exegetas, Ausberto, Ruperto, Panonio, Arethas, o autor da Glossa Ordinária, Walfredo de Estrabão, defendem que os quatro animais viventes personificam os quatro Evangelistas.

Viegas une-se ao grupo, considerando que esta opinião traduz o pensamento comum dos autores, ao mesmo tempo que chama a atenção para a divergência na atribuição dos símbolos zoomórficos aos respectivos Evangelistas. Enquanto Santo Agostinho propõe a seguinte atribuição:

Leão:	Mateus
Homem:	Marcos
Touro:	Lucas
Águia:	João

S. Jerónimo entende que a relação entre animal e Evangelista deve obedecer a este esquema:

Homem: Mateus
 Leão: Marcos
 Touro: Lucas
 Águia: João

E fundamenta esta distribuição a partir dos quatro principais episódios salvíficos de Cristo:

Homem:	Mateus	Genealogia de Cristo	Incarnação
Leão:	Marcos	Voz que clama no deserto	Ressurreição
Touro:	Lucas	Sacrifício de Zacarias	Paixão
Águia:	João	Excelência do Verbo	Ascensão

Viegas não tem qualquer dúvida em aceitar esta opinião: *Atque haec Hieronymii sententia omnino amplectenda est*. Porque é a opinião mais aceitável e comum entre os doutores; porque se insere no uso habitual da Igreja; porque esta é a forma, aprovada pela Igreja, de representar os Evangelistas, quer através da pintura, como da escultura: *Quae in imaginibus et picturis Evangelistas cum eiusmodi symbolis pingi et coli iubet*⁸.

2.3.2. Quatro Anjos

Depois disto, vi quatro anjos que estavam de pé, sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, sobre o mar, ou sobre a árvore alguma (Ap. 7, 1).

Antes de consultar os exegetas, Viegas antecipa a pergunta: *Quem são estes quatro anjos?*

Recolhendo as respostas de Lyra e de Aureolus, os quatro anjos mencionados corresponderiam aos quatro tiranos, reinantes no tempo de Constantino:

⁸ Como bom jesuita, o P^{re} Viegas confirma a estreita relação que sempre existiu, na Igreja, entre o verbo e a imagem, ou, se quisermos, a imagem como expressão do Verbo. E se algum tema escriturístico mereceu um tratamento de realce na arte foi o Tetramorfo que ocupou os tímpanos dos portais românicos das igrejas, os arcos triunfais e encheu as abóbadas da capela-mor e das naves. Para o estudo da iconografia do Apocalipse, destacamos os estudos de CHRISTE, Yves: *L'Apocalypse de Jean. Traditions exégétiques et iconographiques*, Genève, 1979; *De l'art comme mystagogie. Jugement dernier, Apocalypse et perspectives eschatologiques*, Poitiers, 1996; *L'Apocalypse de Jean. Sens et développements de ses visions synthétiques*, Paris, 1996.

Maximiniano: no Oriente
Severo: na Itália
Licínio: no Egipto
Majêncio: em Roma

Estabelecida a identidade dos quatro anjos perversos, passou-se a indagar a relação com os quatro ventos. Sobre este ponto, gerou-se um consenso generalizado em identificar os quatro ventos com os doutores e pregadores, que eram impedidos de espalharem a doutrina do quaternário evangélico, nos quatro cantos da terra, pelos quatro tiranos que dominavam os ventos. Viegas explica que o fundamento da interligação entre doutores, pregadores e os quatro ventos assenta na celeridade comum do vento e da palavra e no facto de uns e outros dissiparem as nuvens e suscitarem o arrependimento e a penitência.

A dificuldade desta passagem apocalíptica residia, sobretudo, na interpretação dos anjos. Tentando encontrar uma opinião comum, Viegas inclina-se pela interpretação dos anjos, como ministros da justiça divina. Contudo, esta interpretação levantava uma nova questão: anjos bons ou maus? Uma pergunta que gerou a divisão de opiniões. Ricardo de S. Victor, Joaquim da Fiore, Martin del Rio defendem a teoria dos “anjos perversos”, apoiando-se no versículo 3º: *Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores até que tenhamos assinalado os servos do nosso Deus nas suas fronteiras (Ap., 7, 3)*. Daqui se conclui que estes quatro anjos não agiram por mandato de Deus, mas contra a Sua vontade, largando os ventos que causaram o mal.

Outros autores sustentam, porém, uma opinião contrária, interpretando-os como os quatro anjos bons, na medida em que Deus serve-se deles, muitas vezes, para exercer a justiça e aplicar castigos.

2.3.3. Quatro cavalos e cavaleiros

Quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos, olhei e ouvi um dos quatro viventes, que dizia com voz de trovão: “Vem”. Olhei, e vi um cavalo branco. O que o montava tinha um arco; foi-lhe dada uma coroa e partiu vencedor para novas vitórias. Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo vivente dizer: “Vem”. E saiu outro cavalo, vermelho; ao que o montava foi dado poder de tirar a paz da terra e fazer com que se matassem uns aos outros. E foi-lhe dada uma grande espada. Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro vivente dizer: “Vem”. Olhei e vi um cavalo preto; e o que montava tinha uma balança na mão. Ouvi, então, no meio dos quatro viventes, uma voz que dizia: “Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro; mas não danifiqueis o azeite e o vinho”. Quando abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto vivente dizer: “Vem”. Olhei e vi um cavalo esverdeado; e o

que o montava tinha por nome Peste; seguia-o Hades. Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra, para a fazer perecer pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra (Ap. 6, 1-8).



Fig. 1 – A. Dürer, *Os quatro cavalos e cavaleiros*

Estamos perante um dos textos mais sugestivo e, simultaneamente, mais enigmático e difícil de interpretar. Talvez, por isso mesmo, tivesse atraído a atenção dos exegetas e inspirado tantos artistas na ânsia de desvendar e revelar o mistério escondido em cada um dos selos. Sintetizemos o pensamento do P^o Brás Viegas a este respeito.

Na opinião do exegeta jesuíta, a abertura do primeiro selo, correspondente ao *cavalo branco*, pretende designar o Império Romano, sob *Caio Calígula* (37–41), que sucedeu a Tibério. A cor branca está relacionada com a felicidade e a alegria do império de Calígula. O cavaleiro ostenta um *arco*, símbolo da vitória, posto que, segundo os autores, Caio Calígula lutou contra os inimigos de Cristo e alcançou a paz para a Igreja.

A abertura do segundo selo coincide com a presença do *cavalo vermelho*, identificado com o Império Romano, sob *Domiciano Nero* (54–68), numa época em que a Igreja, por édito público, sofreu a primeira perseguição

geral, em que muitos cristãos foram martirizados. Por isso, é representado através da cor vermelha, relacionada com o derramamento do sangue dos mártires. O cavaleiro brande uma *espada*, símbolo universal do poder e da guerra. Ao estar conotado com Nero, pretende-se realçar a sua crueldade que provocou uma terrível carnificina e causou o incêndio da cidade de Roma.

Quando se abriu o terceiro selo, surgiu o *cavalo negro* que significava o Império Romano, no tempo do Imperador *Tito* (78–81), que cercou e invadiu a cidade de Jerusalém, cujo governo ficou conhecido como o *Império Negro Romano* “*Sub Tito*”. Na mão, segura uma *balança*, expressão universal da justiça, mas que foi pervertida na medida em que se violaram os direitos dos cidadãos. A *cor negra* exprime a negação e o escurecimento do sol, como se explica no versículo 12, quando se diz que *o sol tornou-se negro como saco de crina*, uma declaração que se enquadra, perfeitamente, no contexto das convulsões cósmicas.

Aberto o quarto selo, viu-se o *cavalo esverdeado*, pálido, “*Kloros*”, em grego, símbolo da erva verde que sugere a representação da morte pela sua caducidade (Isaías, 40, 6). Este cavalo caracterizava o Império Romano, sob *Domiciano* (81–96), que sucedeu a seu irmão *Tito* e promoveu a segunda grande perseguição da Igreja. *Domiciano* sempre infundiu grande medo aos romanos e, principalmente, aos crentes. Exilou grande parte dos senhores e outros príncipes ilustres, a fim de se apoderar dos seus bens. Entre os exilados, encontrava-se o autor do Apocalipse: *Jhoanem nostrum ad insulam Pathmos relegavit*. Montava um cavalo pálido, símbolo do terror, porque todos temiam que lhes acontecesse a mesma sorte. Do terror, nascia a palidez exterior dos membros que degenerava na própria morte.

Com razão, *Domiciano*, montado no seu cavalo verde, é associado à *peste*, sinónimo da morte, por causa da sua tirania contra os seus e contra os cristãos. Pelas suas monstruosidades, foi morto pelos seus e condenado ao inferno.

2.4. Simbolismo do número 7

Aparece com grande profusão no texto do Apocalipse, impondo-se como a expressão simbólica mais significativa no campo da numerologia. *Sete igrejas*, 1, 20; 2, 1.8.12.18; 3, 1.7.14. *Sete Candelabros*, 1, 12.13; 2, 1. *Sete astros*, 1, 16; 2, 1; 3, 1. *Sete trombetas*, 8, 7-13; 11, 15; *Sete chifres do Cordeiro*, 5, 6; *Sete chifres do dragão*, 12, 3; 13, 1; 17, 3.7. *Sete cabeças do dragão*, 12, 2; 13, 1; 17, 3.7. *Sete taças*, 15, 1-8; 16, 1; 17, 1; 21, 9. *Sete anjos*, 8, 2.6; 17, 1; 21. *Sete Selos*, 5, 1.5.

O setenário incarna, por natureza, o sentido da perfeição e da totalidade, variando em consonância com os diferentes contextos. Das referências setenárias apocalípticas citadas e glosadas por Viegas, seleccionámos alguns exemplos:

2.4.1. Sete Igrejas

O que vês, escreve-o num livro e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia (Ap. 1, 11).

As sete Igrejas de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia, situam-se na zona da Anatólia, da Ásia Menor. Na opinião generalizada dos autores, as sete Igrejas simbolizam a diversidade e universalidade da Igreja.

No seu comentário, Viegas explica as razões desta universalidade eclesial. Porque o número setenário, no contexto da Sagrada Escritura, exprime a perfeição e a totalidade. Um pensamento, corroborado por Santo Agostinho, quando se refere à natureza das Horas Canónicas que englobam e acompanham o desenvolvimento temporal de todos os momentos do dia. Em segundo lugar, porque toda a Igreja é vivificada pela força do Espírito Septiforme. Contudo, Viegas adverte que, com esta expressão, não pretende referir-se, como pretendem alguns exegetas, ao Espírito Santo, autor de todos os dons, mas aos sete Espíritos ou Anjos primários: Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel, Salatiel, Ichusidiel e Barachiel. Uma opinião que se apoia na revelação do Beato Amadeu.

2.4.2. Sete candelabros

Virei-me para ver quem falava comigo e, ao virar-me, vi sete castiçais de ouro (Ap. 1, 12).

O setenário dos candelabros corresponde ao conjunto das sete Igrejas, às quais João se dirige, em nome de todas as Igrejas do mundo, pelo carácter universal deste símbolo numérico.

Seguidamente, o comentarista aproveita para estabelecer uma comparação entre a Igreja e um candelabro: ambos são visíveis; vivem rodeados de grande esplendor; numa palavra, manifestam-se e são apreciados.

A Igreja recebe a luz de Cristo. Por isso Cristo está no meio dos candelabros. Porque Cristo está sempre colocado no centro. No meio do mundo, em Jerusalém, que é era considerada como o umbigo – o onfalos – da terra.



Fig. 2 – A. Dürer, *Os sete candelabros*

2.4.3. Sete estrelas

Cristo tinha na mão direita sete estrelas (Ap. 1, 16).

Sete estrelas que o próprio João identifica como os *Anjos das sete Igrejas*, isto é, os bispos. No seu estilo habitual, que nos remonta ao período académico de Évora, Viegas lança duas perguntas: Porquê Bispos? Porquê na mão direita?

Para a explicação do dualismo *Bispo-Estrela* apresenta várias razões: Recorre, em primeiro lugar, a Ricardo de S. Victor que concebia o bispo como uma estrela e não como um planeta, isto é, que devia “brilhar” pela “estabilidade” e não ser errante. Assim como as estrelas estão fixas no firmamento, também os bispos devem brilhar pela estabilidade, vivendo ao serviço da fé, em regime de residência fixa, junto das suas igrejas, não abandonando o seu posto.

Por outro lado, a expressão dual, *Bispo-estrela* deveria traduzir o brilho da humildade. Desta forma, os bispos deveriam ser como as estrelas que, apesar de estarem tão distanciadas da terra, brilham e distinguem-se na sua pequenez.

Continuando com a mesma imagem comparativa, Viegas insiste na ideia de que os bispos, como as estrelas, devem comportar-se como espelhos que transmitem aos outros a imagem e a luz, recebidas de Cristo, através da doutrina e do exemplo.

No texto apocalíptico, utiliza-se a expressão *na mão direita* porque sempre a mão direita foi considerada mais forte e mais corajosa que a esquerda, tal como reza o salmo 117, quando se refere à acção poderosa da mão direita de Deus: *Dextera Domini fecit virtutem, dextera Domini exaltavit me.*

Daqui resulta a síntese lógica: as estrelas, bispos das cidades, colocadas na mão direita, como símbolo da protecção de Deus sobre os prelados das suas igrejas.

2.4.4. Dragão de sete cabeças e dez chifres

Apareceu, então outro sinal no céu: um grande dragão vermelho com sete cabeças, dez chifres e, sobre as cabeças, sete diademas (Ap. 12, 3).

Para descobrir o simbolismo das sete cabeças do dragão vermelho, com sete diademas e dez chifres, Viegas investigou as opiniões de três exegetas bem conhecidos, que expõe de seguida.

Haymo propõe que as sete cabeças e sete diademas representam as potestades demoníacas que, pela fraude e pelo dolo, lutaram contra as Igrejas e o Espírito Septiforme.

Ricardo de S. Víctor relaciona as sete cabeças com os sete pecados capitais e os dez chifres com os dez furores dos príncipes ímpios que impugnaram o decálogo.

O cardeal Hugo vê, nas sete cabeças, a representação da universalidade dos males; nos sete diademas, as vitórias do demónio relacionadas com os sete pecados capitais, nos dez chifres, as riquezas e potências seculares, contrárias ao sagrado decálogo.

Expostas as opiniões dos três autores, Viegas manifesta concordar com a interpretação de Ricardo de S. Víctor, reafirmando que as sete cabeças do dragão simbolizam os sete vícios capitais, porque correspondem ao início e cabeça de todos os outros. Uma vez que as sete cabeças estão associadas aos sete pecados capitais, os sete diademas expressam a relação directa entre as coroas dos príncipes reais e as coroas que ostenta o diabo que reina no mundo e nos seus súbditos que o servem através dos vícios dos pecados capitais.

Da mesma forma, os dez chifres traduzem as tentações ou instigações para transgredir a lei de Deus, que está consignada no dez preceitos do Decálogo. Assim como nos chifres está concentrada a força das cabeças da besta, assim toda a energia e impulso do demónio se orienta a persuadir os homens a desobedecerem àqueles dez mandamentos.



Fig. 3 – A. Dürer, *Dragão de sete cabeças e dez chifres*

2.4.5. Besta com sete cabeças, dez chifres e dez diademas

Vi, então, subir do mar uma Besta com sete cabeças e dez chifres; sobre os chifres, dez diademas e, nas cabeças, nomes blasfematórios (Ap. 13, 1).

Na opinião de Viegas, a semelhança das cifras numéricas terá induzido alguns autores a defenderem a coincidência e uniformidade desta descrição com o texto do capítulo 12.

O exegeta jesuíta rejeita, contudo, a interpretação de Santo Agostinho que relaciona esta passagem com a universalidade dos reis, apoiando-se no simbolismo do número denário e que após o seu desaparecimento surgiria o Anticristo.



Fig. 4 – A. Dürer, Dragão de sete cabeças, dez chifres e dez diademas

Rejeita Santo Agostinho e apoia-se no texto do livro de Daniel, 7, 8, para afirmar que os dez chifres e os dez diademas da Besta simbolizam os dez reis romanos, administradores do Império e as sete cabeças têm a sua explicação no facto do Anticristo ter eliminado os três reis resistentes. Contudo, nega-se a aceitar a opinião dos que relacionam os três Reis, abatidos pelo Anticristo, com os reinos do Egipto, da Líbia e da Etiópia.

A presença de nomes blasfematórios, inscritos nas sete cabeças, explica-se pelo facto dos sete reis reconhecerem o Anticristo como supremo monarca do mundo e de se unirem a ele para a destruição do Reino de Cristo

2.5. Simbolismo do número 12

Sem dúvida, um dos números que encerra uma grande carga simbólica, traduzindo, em todos os casos, expressões de perfeição: 12 Anjos; 12 Profetas; 12 Tribos de Israel; 12 Apóstolos; 12 portas; 12 pérolas, 12 pilares; 12 frutos; 12 meses, para além dos múltiplos de 12: 120.000, 144.000, etc. Uma vez que a maioria destas cifras fazem parte dos capítulos 21º e 22º, reservamos a análise da simbologia deste número quando abordarmos o tema da Jerusalém Celeste.

2.6. Simbolismo do número 24

Ao redor do trono havia outros vinte e quatro, sobre os quais estavam sentados vinte e quatro anciãos (Ap. 4, 4).



Fig. 5 – A. Dürer, Os vinte e quatro anciãos

Inspirados no capítulo 24 de Isaías, alguns autores, como Santo Agostinho e Ticonio defendem que os vinte e quatro anciãos simbolizam a Igreja Universal que rodeia o trono de Deus e celebra o triunfo do Cordeiro.

Primasio acrescenta o pormenor de que a Igreja Universal era formada pelas 12 Tribos do Antigo Testamento e 12 Tribos do Novo Testamento.

S. Gregório Magno surpreende-nos com uma interpretação, de certo modo, original: *Seniores sancti sunt praedicatores maturi sensu, moribus graves, qui thronum Dei iuxta positis sedibus ambiunt.*

Viegas inclina-se pela opinião mais comum, partilhada por Ricardo, Ruperto, Panonio, Joaquim: os vinte e quatro anciãos simbolizam os santos notáveis, principalmente, prelados e doutores dos dois Testamentos, isto é, 12 Profetas e 12 Apóstolos. Reforça esta opinião o facto do número duodenário expressar a universalidade, na unidade, dos dois Tempos. São “Seniores”, na antiguidade, nos costumes, na gravidade e, por isso, estão sentados em tronos.

2.7. Simbolismo do número 666

É aqui que é preciso sabedoria. Quem for dotado de inteligência calcule o número da Besta, porque é o número de um homem, e o seu número é: seiscentos e sessenta e seis (Ap. 13, 18).

Muitas foram as tentativas para decifrar o enigma da descoberta do nome da segunda Besta, o Anticristo. Porque de um enigma se tratava, S. João lança um desafio ao engenho e à inteligência de forma a poder descobrir o nome a partir do número: seis, seis, seis.

Viegas começa por referir-se à prática, comum entre hebreus e gregos, da ciência da *Gematria*, que consistia, basicamente, em atribuir a cada unidade aritmética uma letra alfabética. Assim, A significaria o número 1, B o número 2 e, nesta sequência, construir-se-iam as diferentes multiplicações aritméticas. Viegas é de opinião que a cifra do texto apocalíptico corresponde a caracteres gregos, porque o texto, fora escrito em grego e dirigido às Igrejas da Ásia Menor.

Porém, antes de emitir o seu parecer sobre um tema tão discutido, recolhe outras teorias. A grande dificuldade com que se confrontavam os autores residia no facto de que, aplicando as normas da *Gematria*, deparavam com muitos nomes que concordavam aritmeticamente com o número 666. Teodoro Bibliardo descobriu que os três algarismos correspondiam à expressão *Lateinos*, concluindo que o Anticristo seria o Príncipe dos Latinos, o Romano Pontífice. Uma opinião absurda, segundo o parecer de Viegas. Por sua vez, Gilberto Genebrardo, no terceiro Livro das suas “Cronologias”, avança com o parecer de que a cifra se adaptava à figura de *Maomé*. Guilherme Lindano chegou à conclusão de que os números condiziam com os caracteres gregos que formavam o nome de *Martinho Lutero*.

Como facilmente se compreende, Viegas não concorda com nenhuma das opiniões expostas, ao mesmo tempo que realça a dificuldade em decifrar o

enigma, face à quantidade de nomes derivados do número 666, que se poderiam aplicar ao Anticristo, dos quais chega a citar catorze: *Illustris, Victor, Malus Dux, Verus Nocens, Olim Invidus, Agnus Nocens, Nego, Contrarius, Gensericus, Dichlux, Evantas, Lateinos, Titan e Benedictus*. Inclusive exemplifica a forma de aplicar as regras da Gematria ao nome latino *Dichlux* e a sua correspondência aritmética com o número 666.

D	I	C	L	V	X	
500	1	100	50	5	10	= 666

Depois de manifestar a sua discordância com todos os nomes citados, Viegas prefere estabelecer um paralelismo entre o nome do Messias – *Jesus* – e o nome do Anticristo para decifrar o enigma, observando as leis da *Gematria*. Segundo a revelação de uma Sibila (Cumana), o número do nome do Messias corresponderia ao 888. Uma revelação que condiz com os números e os caracteres gregos que formam a palavra *Jesus*:

I	H	Σ	O	Y	Σ	
10	8	200	70	400	200	= 888

Mais que às cifras em si, convinha atentar no significado dos conceitos. O nome do Anticristo, di-lo S. João, era constituído com base nos *senários* (seis), enquanto que o nome de Jesus derivava de *Octonários* (oito). Com efeito, argumenta Viegas, o senário (seis) nunca atingirá o *setenário* (sete) que se identifica com o descanso do Senhor, *requievit enim die septimo*, dos trabalhos dos seis dias anteriores, enquanto que o octonário, consumado o descanso setenário, é símbolo da glória e da bem-aventurança. Por isso se atribuem três seis, 666, para designar a malícia e o trabalho penoso do Anticristo e três oitos, 888, para assinalar a felicidade absoluta do Messias, Jesus.

2.8. Simbolismo do número 1000

Subjugou o Dragão, a serpente antiga, que é o demónio, Satanás, acorrentou-o por mil anos. Lançou-o no abismo, que fechou e selou, a fim de que não seduzisse mais as nações até que se completassem mil anos (Ap. 20, 1-2).

Para a interpretação desta passagem, Viegas recorre ao primeiro exegeta do livro do Apocalipse, André de Cesareia⁹.

Na opinião deste autor, os *mil anos* representam a totalidade do tempo que decorre entre a morte de Cristo e a vinda do Anticristo.

Uma interpretação corroborada por S. Gregório Magno e Santo Agostinho que consideravam o *milénio* como símbolo da perfeição e da universalidade, face ao carácter efêmero do período três e meio de perseguição.



Fig. 6 – A. Dürer, *A adoração do cordeiro*

2.9. Simbolismo dos números 120.000 e 144.000

Viegas não confere grande relevo ao simbolismo destes dois números (Ap. 7, 4-8), centrando a sua atenção na importância do *duodenário* das tribos.

⁹ André, arcebispo de Cesareia, na Capadócia, merece uma referência particular. Depois de se ter perdido o comentário de Hipólito sobre o Apocalipse e Vitorino de Pettau se limitar a comentar as passagens mais difíceis, *Scholia*, André de Cesareia é o primeiro autor eclesiástico que consegue apresentar um comentário completo ao Apocalipse de João.

Um número que classifica de “celebérrimo”, por estar ligado aos 12 filhos de Jacob. Depois tece algumas considerações sobre o ordenamento, atendendo ao nascimento e ao rito da bênção. A exposição da riqueza simbólica dos duodenários ficava reservada para o comentário da Jerusalém Celeste.

3 - Simbolismo da Jerusalém Celeste

E vi a cidade santa, a nova jerusalém que descia do Céu... Transportou-me em espírito ao cimo de uma alta montanha e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém, que descia do Céu, de junto de Deus... Tinha uma grande e alta muralha com doze portas, guardados por doze anjos... A cidade formava um quadrado... Os fundamentos da muralha estavam adornados de pedras preciosas de toda a espécie... Não vi nenhum templo na cidade... Depois o anjo mostrou-me o Rio da Água da Vida... no meio da praça, com o rio de lado e de outro, está a Árvore da Vida, que produz frutos doze vezes, um em cada mês, e cujas folhas servem para curar as nações (Ap. 21, 1-27. 22, 1-2).

Nos dois últimos capítulos, 21º e 22º, S. João descreve-nos a nova Cidade da Jerusalém Celeste, exaltando a sua grandeza e beleza, bem como a incomparável felicidade dos bem-aventurados. Quando S. João afirma *vi uma Cidade Santa, a Nova Jerusalém, descer do céu, ataviada como uma noiva, que se adorna para o seu esposo*, Viegas interpreta esta descrição da Cidade-Noiva como o domicílio e a permanência feliz dos Bem-aventurados no Céu, isto é, uma imagem da “Igreja Triunfante” e não da “Igreja Militante”, como pretendem Beda e Primásio.

3.1. Situação da Cidade

A cidade, “Tenda-Morada”, está situada num monte grande e elevado para significar a sua grandeza e sublimidade e o lugar preferido em que se cumpre a união com Deus.

Aparece como uma pedra preciosa, de cor verde, que ilustra os seus eleitos, recreando-os com o alimento da eterna “*viriditatis*”. Ao contrário do verde pálido do quarto cavalo, esta cor verde é sinal de vigor, juventude, da flor da vida.

3.2. Planta da Cidade

A cidade estava configurada segundo o modelo centralizado de planta quadrada – *tetragonos* –, dotada da mesma longitude, latitude e altitude. A

forma quadrada indicava a sua estabilidade e imobilidade e a igualdade nas medidas simbolizava o carácter de eternidade, conforme reza o salmo 92: *Plantados na casa do Senhor, florescerão nos átrios do nosso Deus.*

3.3. A muralha da Cidade

A cidade estava rodeada por um muro dotado de grandeza e elevação, personificado na figura de Cristo que protegia a Igreja Militante e a Igreja Triunfante, com absoluta segurança, por toda a eternidade (Isaias, 26).

Depois da visão, procedeu-se à medição da cidade: o muro media 144 côvados humanos de altura (à volta de 64 metros). Como se disse, o muro simbolizava a protecção divina na cidade dos justos e por toda a eternidade. Uma protecção que resultava naturalmente da perfeição do próprio número que marcava a altura do muro: 144 côvados. Um número que, na opinião de Arethas, era sinónimo de perfeição porque representava o resultado da multiplicação de 12X12, um dos números que indicavam a perfeição.

3.4. Portas da Cidade

A cidade estava dotada de doze portas que, segundo a interpretação de Santo Ambrósio, Ticonio, Arethas e outros autores, correspondiam aos 12 Apóstolos que conseguiram abrir as portas do céu, através da sua pregação e dos seus escritos.

Segundo o pensamento de Arethas, na vigilância da cidade e pregação do Evangelho, os Apóstolos eram auxiliados por 12 Anjos: *Si enim cuique fidelium designatus est Angelus, multo magis fundamentis Ecclesiae, et Evangelici Verbi seminariis consentaneum est Angelos ad Evangelicam praedicationem esse adjutores.* Apóstolos e Anjos desempenhavam a função de ostiários celestes recebendo os bem-aventurados e impedindo a entrada dos inimigos.

Para além dos nomes das tribos dos gentios, as portas continham inscrições com os nomes das Tribos de Israel, testemunhando, dessa forma, que a Jerusalém Celeste era habitada por todos os habitantes do mundo. Na distribuição das tribos de Israel observava-se um sistema igualitário: três para o Oriente, três para o Norte, três para o Sul e três para o Ocidente. Com esta distribuição, realçava-se o Mistério da Santíssima Trindade que os eleitos, na terra, deviam confessar pela fé, enquanto que, no céu, contemplavam a Divindade Trinitária, face a face.

Viegas conclui chamando a atenção para a relevância e riqueza simbólica dos duodenários da Jerusalém Celeste: 12 portas, 12 Apóstolos, 12 Anjos, 12 Tribos de Israel que representam o conceito abrangente de universalidade.

3.5. Pilares e fundamentos da Cidade

O muro da cidade assentava, como não podia deixar de ser, em 12 pilares, isto é, em 12 pedras fundamentais, preciosíssimas, sobre as quais se construiu toda a estrutura.

As pedras levavam inscritos os nomes dos 12 Apóstolos do Cordeiro. Todos os autores concordam em apelidá-las de “fundamentais”, porque através deles, Apóstolos, consegue-se entrar na Jerusalém Celeste e porque sobre elas está construída a Igreja, conforme diz S. Paulo em Efésios, 2, 19.

Partindo desta premissa, Viegas traça um quadro, baseado nas classificações de Plínio e de Santo Isidoro de Sevilha, em que se conjugam os nomes dos Apóstolos com os 12 pilares, pedras preciosas, que constituem o fundamento da Nova Jerusalém:

APÓSTOLO	PEDRA PRECIOSA
Pedro	Jaspe
André	Safira
Tiago Maior	Calcedónia
João	Esmeralda
Filipe	Sardónica
Bartolomeu	Cornalina
Mateus	Crisólito
Tomé	Berilo
Tiago Menor	Topázio
Judas Tadeu	Crisópalo
Simão	Jacinto
Matias	Ametista

Viegas completa o quadro com um comentário alargado sobre o simbolismo de cada uma das pedras preciosas, que omitimos por razões de brevidade, mas apresentaremos em momento oportuno.

3.6. Materiais da Cidade

Na construção da cidade, utilizaram-se dois materiais preciosos: o jaspe e o ouro a que os autores atribuíram um simbolismo apropriado. Segundo Haymo, com a utilização do ouro, pretende-se simbolizar a claridade que deve envolver todo o conjunto urbano. Através do jaspe, semelhante ao cristal puro, exprime-se a pureza de coração de todos os bem-aventurados que transparece, como espelho lucidíssimo, na Cidade Celeste.

Se a construção total da Cidade era constituída na base de ouro e de jaspe, S. João afirma que as portas eram compostas por 12 pérolas (Ap. 21, 21).

Para a interpretação deste texto surgiram muitas versões. Uns afirmavam que cada porta constitua uma pérola diferente. Ausberto defendia que todas as portas eram formadas de pérolas e que, por sua vez, cada porta continha 12 pérolas que perfaziam o número de 144 pérolas, ou seja, o produto de 12X12, símbolo da perfeita universalidade.

Contudo, Viegas, seguindo Beda, Ticonio, Primasio, Arethas, sustenta a opinião de que cada porta era composta de uma pérola, apoiando-se na etimologia do vocábulo. Pérola – *Margarita* – era sinónimo de unidade – *Unio* –. Este sentido unitário aparece confirmado em Plínio, Liv. 9, c.35, quando afirma que nunca se encontram duas pérolas dentro de uma concha.

Unindo os dois conceitos do simbolismo apostólico das portas com a matéria, as pérolas, Viegas conclui: assim como as pérolas são preciosíssimas, também a doutrina dos Apóstolos é preciosíssima e una, gozando de pleno consenso. Pois, apesar da diferença dos lugares onde pregaram, mantiveram a unidade doutrinal, expressa na imagem de Ezequiel dos quatro animais quadriformes, dos quatro impérios e dos quatro Evangelistas.

3.7. Praça da Cidade

Na opinião de Viegas – *puto* –, o termo “praça” não equivale ao “forum” da cidade mas, pelo contrário, deve ser entendido no sentido plural de “praças”.

Assim sendo, todas as praças da cidade eram de ouro puro, como reflexo da caridade beatífica. A exemplo da Cidade Celeste existem várias mansões cujas portas abrem para as de ouro e de cristal. Neste lugar central, os Bem-aventurados encontram refúgio, pois é nela que se encontra o Trono de Deus e o seu Cordeiro, ao mesmo tempo que, vivendo em comunhão de caridade, se amam mutuamente e se alegram com a felicidade dos outros.

3.8. Templo da Cidade Celeste

Uma vez que Deus é contemplado face a face – *clare visus* –, ao contrário dos núcleos urbanos terrenos, a Cidade Celeste não precisa de nenhum templo exterior que testemunhe a grandeza e magestade divinas. Toda a cidade é um templo vivo. Deus não está fora, é o centro. Ele é o próprio templo que contém, em si mesmo, toda a magestade.

3.9. Rio de Água Viva

Um elemento comum ao Antigo e Novo Testamento, dotado de uma forte carga simbólica. Para entender o texto apocalíptico, Viegas recolhe as

várias opiniões dos autores tantas vezes citados . Segundo Ricardo de S. Víctor e Joaquim da Fiore, o Rio significa a graça do Espírito Santo. Ruperto considera que representa o próprio Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho e por isso se diz que o Rio procede do Trono de Deus e do Cordeiro. Entretanto, Haymo e Ausberto interpretam-no como símbolo da pregação do Evangelho. A situação do Rio na Cidade Celeste serve de fundamento à opinião de Panonio e outros autores que o consideram como a expressão do gozo e da alegria que emana da visão beatífica.

Utiliza-se o termo de “Água Viva” porque nunca seca, nascendo do Trono de Deus e do Cordeiro como alegria essencial que brota da visão beatífica de Deus.

3.10. Árvore da Vida

Há duas correntes para explicar este conceito. Alguns autores, como Beda, Panonio, Ausberto, Ricardo, Haymo, Joaquim, partidários de uma interpretação literal, consideram que a “Árvore da Vida” coincide com a “Árvore da Vida de Cristo” e que os “12 frutos, colhidos nos 12 meses” corresponderiam aos 12 Apóstolos.

Outros exegetas, sobretudo em relação aos frutos, optam por uma leitura mais espiritual, entendendo-os como uma frutificação perene e contínua que recebem os eleitos de Cristo, por toda a eternidade, símbolo da alegria essencial da visão beatífica.

Viegas inclina-se, claramente, pela segunda interpretação mística por considerá-la mais consentânea com o texto apocalíptico. Seguidamente interroga-se: como se deve entender uma árvore de cada lado do Rio? Muito simplesmente. Porque neste texto, utiliza-se o termo “árvore” em singular, mas com sentido plural de muitas árvores, de cada lado do Rio, destinadas a proteger os bem-aventurados. Quanto ao poder terapêutico das folhas, responde que servem para curar os eleitos porque a alegria que os invade é suficiente para curar todos os sofrimentos da mente e do corpo.

3.11. Cidade limpa, luminosa, atraente, aberta e universal

Sendo uma cidade de ouro e de cristal e as portas de pérolas, é óbvio que naquele recinto não poderá existir qualquer imundície. Ninguém entrará nela com os pés sujos, porque as praças são de ouro puríssimo. É por isso que só poderão entrar nela os que estiverem escritos no Livro da Vida do Cordeiro.

É uma cidade luminosa, que não precisa de ser iluminada, onde nunca há trevas, porque nela refulge o sol perpetuamente. Por isso, os eleitos caminharão à luz da Cidade.

Como modelo de cidade aberta e universal, haverá um grande empório e animado comércio que atrairá os reis da terra e as nações de todo o mundo, transformando-se no símbolo da universalidade dos povos. Virão em virtude da fé em Cristo, da religião recebida e pelo amor da Jerusalém Celeste.

Concluído este longo percurso, em que tentámos descobrir a riqueza da simbologia numérica dos “Comentários” do jesuíta, P^o Brás Viegas, ao livro do Apocalipse de S. João, resta-nos a esperança de poder continuar, um dia, este trabalho fascinante de pesquisa simbólica noutros domínios e, desta forma, homenagear um dos melhores exegetas portugueses.

Fausto Martins

Abstract:

Fr. Brás Viegas, S. J., was particularly well known in the 15 th century for his exegetic works generally entitled Commentarii Exegetici in Apocalypsim. Manuel Lira was the man responsible for its first edition in Évora, in 1601, two years after the author's death,. In this study we will seek to show how significant this work is, and at the same time draw attention to one of the characteristics of this apocalyptic literature, the numerical symbology, which reached its apogee with the use of Gematry, a science practised by Hebrews and Greeks which attributed a numerical value to each alphabetical letter.